

AUTOR DO ARTIGO: Reynaldo Moura

03a 0615-62

TÍTULO DO JORNAL: Correio do Povo

T10716



TÍTULO DO ARTIGO: A PONTE DE PEDRA

Nº: 81

DATA: 14/01/1992

DESCRIÇÃO: ÓTIMO

tema = conversas sobre a ponte de pedra - momento histórico de Porto Alegre.

REV  
cli 0281  
sist. 58265

## A PONTE DE PEDRA

(Especial para o "Correio do Povo")

A tela do pintor que ficou sentado diante do cavalete e observando o recanto, o tuchos de paisagem, o detalhe que a matéria do mundo lançou como imprevista pedra de em sua sensibilidade, conserva fora do tempo aquilo que se dissipou. A ponte de pedra existe em quadros inumeráveis, existe em série espalhada pela cidade, e quem sabe em quantos outros lugares ignorados. Era uma ponte em estado natural, polida pelos pés dos mortos que gastaram suas lajes, alisaram seus granitos e foram cavando sem querer o reboco de suas paredes. Mas agora a ponte de pedra faz pose histórica. Quando se pensa e se fecha os olhos e a curva da ponte se arqueia na memória, então é o ingênuo coloquio dos amadores de outros tempos que renasce na luz morta em nossa recordação imaginária. ✦ ponte restaurada é uma saudade su-

mântica. Vemos o eterno romance avançando sobre as pedras e dando no momento a bela flor da vida. Parece que foi pensando nisso que a Prefeitura cuidou de reparar a ponte e repetir por baixo de seu arco as águas que haviam ficado na lembrança. Agora serão águas paradas, fiscalizadas pelas lambaris contra os mesquitos, e a sombra verde das árvores inventará na sua espessura de alguns palmos ~~po~~ a ilusão da profundidade.

Os pés dos que sobem a ponte sentem que estão pisando em pedras antigas onde o tempo ressona em silêncios prisioneiros obscuros de seus cristais. Essa mesma curva por onde vão agora subindo sentiu ciculando por ali gerações já dissipadas. Tantas, tantas vezes os mortos alisaram aquelas pedras, seus olhos viram o riacho antigo, escorreram pelas verticais dos salgueiros tranquilos nos dias apagados de ontem. E essas sombras agora invisíveis iam desaparecer na estação ferroviária do Tremzinho da Tristeza.

Quando a cidade era menor e as distâncias pareciam imensas, havia o Tremzinho. Uma loco-



motiva deste tamanho saía bufando e apitava,  
e nos vogões<sup>os</sup> velhos de hoje eram uns quins, exis-  
tindo dentro de uma aventura, e os senhores da  
quele tempo hoje continuam nos retratos que guarda-  
mos dos mortos. Como a vida é breve neste aceleração  
de hoje!

Diz o carioca que o que temos para mostrar quando  
êles vem até aqui, é o crepúsculo na praia de Belas.  
Na verdade não há outro tão rico de imaginação  
que este, entre as ilhas e o céu, entre as nuvens e as  
águas. Um por de sol que no outono é luz de  
mel, entre o ouro morto das árvores, na lâmina da  
água como pequeno mar de cobre polido; no inverno  
é a cinza que pode ajudar a força de nossa melan-  
colia e no verão é a labareda gerando cores  
novas. Até o verde já vimos no ocaso da praia  
de Belas, um verde de combinação inesperada que  
acendeu os olhos de Alvaro Moreyra enquanto em  
tôrno um grupo bem junto da ponte de pedra ima-  
ginava que esperássemos nova aparição de disco  
voador.

Tudo: praia, crepúsculos, anedota, tudo ~~em~~ a ponte  
recorda. E para todo mundo ela deve ter sua peque-

na história.

Por aqui o riacho corria, os homens pescavam e o riacho depois ia se misturar com o Guaiíba. Água escura, água cor de cinza, circulação da cidade com tanto colesterol... O riacho ficou uma rua tortuosa depois de aterrado. Mas a ponte de pedra agora continuava para sempre. Para sempre, até quando? ~~em~~ ~~Como~~ E as telas dos antigos pintores que fizeram a ponte quando em torno havia salgueiros e a água suja corria por baixo, talvez fiquem docemente ~~desaparecidas~~ desvalorizadas. Se a ponte houvesse desaparecido, que prestígio novo para as telas em série de ontem,,,